



REVISTA

# Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

RESENHA | Dossiê Patologias Sociais e Interfaces com a Educação

## Patologias Sociais: uma análise multidisciplinar das doenças contemporâneas

Social Pathologies: a multidisciplinary analysis of contemporary

*Patologías Sociales: un análisis multidisciplinario de las enfermedades contemporâneas*

Sandro Faccin Bortolazzo

### RESUMO

O presente texto resenha a obra “As Patologias Sociais da Civilização Contemporânea”, que explora a emergência de doenças psíquicas associadas às transformações socioeconômicas, políticas e culturais das sociedades contemporâneas. Organizada por Kieran Keohane e Anders Petersen, a coletânea adota uma abordagem multidisciplinar, examinando como condições a exemplo da depressão e do estresse podem ser compreendidas como reflexos de um sistema social adoecido. Ao longo de 11 capítulos, os autores investigam a interrelação entre sofrimento psíquico e patologias sociais, argumentando que a medicalização e as mudanças normativas contribuem para a proliferação de transtornos.

**Palavras-chave:** Patologias Sociais; Medicalização; Sofrimento Psíquico.

### ABSTRACT

El presente texto reseña la obra “Las Patologías Sociales de la Civilización Contemporánea”, que explora la aparición de enfermedades psíquicas asociadas a las transformaciones socioeconómicas, políticas y culturales de las sociedades contemporâneas. Organizada por Kieran Keohane y Anders Petersen, la colección adopta un enfoque multidisciplinario, examinando cómo condiciones como la depresión y el estrés pueden entenderse como reflejos de un sistema social enfermo. A lo largo de 11 capítulos, los autores investigan la interrelación entre el sufrimiento psíquico y las patologías sociales, argumentando que la medicalización y los cambios normativos contribuyen a la proliferación de estos trastornos.

**Keywords:** Social Pathologies; Medicalization; Psychic Suffering

## RESUMEN

El presente texto reseña la obra “Las Patologías Sociales de la Civilización Contemporánea”, que explora la aparición de enfermedades psíquicas asociadas a las transformaciones socioeconómicas, políticas y culturales de las sociedades contemporáneas. Organizada por Kieran Keohane y Anders Petersen, la colección adopta un enfoque multidisciplinario, examinando cómo condiciones como la depresión y el estrés pueden entenderse como reflejos de un sistema social enfermo. A lo largo de 11 capítulos, los autores investigan la interrelación entre el sufrimiento psíquico y las patologías sociales, argumentando que la medicalización y los cambios normativos contribuyen a la proliferación de estos trastornos.

**Palabras-clave:** Patologías Sociales; Medicalización; Sufrimiento Psíquico.

## Introdução

Historicamente, as patologias estiveram vinculadas a processos de ordem biológica e fisiológica que afetam os indivíduos, sendo estas concebidas como desvios do funcionamento "normal" do corpo e, conseqüentemente, tratadas por meio de intervenções médicas. No entanto, diante de transformações socioeconômicas, políticas e culturais, torna-se evidente a emergência de doenças compreendidas para além da esfera biomédica. Condições como ansiedade, depressão, estresse e transtornos alimentares, por exemplo, podem obscurecer as origens sociais e políticas que contribuem para o seu surgimento.

Ao considerar as doenças contemporâneas como sintomas de um sistema social adoecido, abre-se espaço para questionar os processos de medicalização, bem como as relações de poder que moldam a existência humana. De que maneira as mutações de ordem social, política, normativa ou mesmo econômica têm impactado a saúde e o bem-estar da população? Em que medida essas mudanças estão relacionadas ao surgimento e proliferação de novas doenças? A obra “As Patologias Sociais da Civilização Contemporânea” – originalmente intitulada “The Social Pathologies of Contemporary Civilization” – propõe uma discussão sobre o aumento das taxas de transtornos psíquicos desde a década de 1950, analisando tanto explicações biológicas quanto sociais para esse fenômeno. A coletânea, organizada em três partes e composta por 11 artigos, oferece um panorama das variadas formas pelas quais o sofrimento mental se manifesta e é

compreendido. Editada por Kieran Keohane, professor da University College Cork, na Irlanda, e pelo pesquisador Anders Petersen, da Aalborg University, na Dinamarca, o livro foi desenvolvido a partir das apresentações de diversos autores em uma conferência de mesmo nome realizada na Dinamarca, em 2010. A coletânea adota um percurso multidisciplinar – que abrange filosofia, sociologia, psicologia social e antropologia – para investigar as experiências de sofrimento psíquico como algo que ultrapassa aspectos individuais, revelando uma dimensão coletivo-social. A hipótese central do livro sustenta que "vários sintomas relacionados à saúde são parte de uma mudança radical de nossa civilização" (2013, p. 3).

Depressão, vícios, crises de identidade, entre outros distúrbios contemporâneos, são frequentemente tratados como fenômenos isolados. A contribuição dos autores reside em destacar as características comuns que essas condições compartilham enquanto manifestações de patologias sociais. Trata-se de uma obra voltada a acadêmicos, pesquisadores e profissionais das áreas de ciências sociais e saúde mental, além de leitores interessados em compreender a interconexão entre as mudanças sociais e os distúrbios psíquicos.

## **Parte I: Patologias Sociais**

Alain Ehrenberg, pesquisador do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), em Paris, França, no capítulo inicial intitulado "A Noção de Patologia Social: Um Estudo de Caso sobre Narciso na Sociedade Americana" , desenvolve o conceito de patologia social. Segundo Ehrenberg (2013, p. 11), a ideia de associar o adjetivo "social" ao substantivo "patologia" reside na premissa de que "as patologias mentais são o produto de nossas relações sociais, revelando algo sobre nossos costumes e estilos de vida, e há uma lição moral, social e política a ser extraída desse tipo de patologia" . O tema é aprofundado por meio de um estudo de caso sobre o narcisismo na sociedade americana, que identifica tanto as conexões entre o individualismo moderno e as patologias sociais do narcisismo quanto as particularidades das manifestações contemporâneas desse fenômeno nos Estados Unidos e na França. Ehrenberg destaca que o narcisismo nos Estados Unidos está enraizado em uma categoria antropológica que simboliza o estilo de vida

americano: o self (eu). Segundo o autor, na França, tal categoria não existe. Nos Estados Unidos, o primeiro dever do indivíduo é para com a sociedade, enquanto na França é a sociedade, através do Estado, que tem obrigações de proteção para com o indivíduo, ou seja, o Estado sendo a expressão de solidariedade social para com qualquer indivíduo. O conceito equivalente ao "eu", na França, é representado pelas instituições. Uma das explicações de Ehrenberg é que, na França, por exemplo, a ansiedade está muito mais associada ao medo do abandono social pelo Estado e ao temor de que a competição se torne descontrolada. O autor conclui afirmando que "é possível que estejamos testemunhando o difícil e doloroso nascimento de um eu francês, um eu à la française" (2013, p.13).

No segundo capítulo, "As Patologias Sociais da Civilização Contemporânea: Experiências que Atribuem Sentido e Expectativas Patológicas em Relação à Saúde e ao Sofrimento", Arpad Szakolczai, antropólogo e professor de sociologia da University College Cork, na Irlanda, explora a ideia de que a civilização como um todo apresenta características patológicas. Para Szakolczai, uma "civilização patológica" é aquela que renuncia à busca por uma vida significativa, concentrando-se apenas na eliminação do sofrimento. Isso revela o próprio caráter patológico das ideologias modernas, que promovem a felicidade através da supressão do sofrimento humano. Para o autor, "ao eliminar o 'sofrimento', não ganhamos direta e 'logicamente' algo positivo; se promovemos a saúde física e a longevidade como objetivos em si, isso não significa necessariamente que as pessoas vivam uma vida melhor, em uma 'sociedade boa'". Szakolczai argumenta que a patologia, assim como a saúde, é uma função do organismo e não pode ser fragmentada. Saúde não é simplesmente a ausência de doença, assim como a vida não pode ser definida como o oposto da morte. Ele ressalta que não existe uma ciência objetiva da saúde, e que essa ideia é, em si, patológica.

Bjørn Thomassen, professor do Departamento de Sociedade e Globalização da Roskilde University, na Dinamarca, é o autor do terceiro capítulo, "Modernidade como Desordem Espiritual: Em Busca de um Vocabulário de Patologias Sociais na Obra de Eric Voegelin". Nesse capítulo, Thomassen explora o conceito de patologia, destacando que, além de carregar

múltiplos significados, a ideia em torno da patologia reflete posições sobre o que é considerado "normal" e "saudável". A referência ao "saudável" e ao "normal", em oposição ao patológico, pode, entretanto, incorrer em essencialismos. Baseando-se no estudo da obra de Eric Voegelin, filósofo político germano-americano, Thomassen argumenta que, em vez de analisar patologias como simples desvios das normas, é preciso questionar os próprios padrões sociais como potencialmente patológicos. Em outras palavras, o foco não deve residir em como comportamentos desviantes são gerados, mas em como a própria ideia de normalidade pode carregar traços patológicos.

## Parte II: Patologias Sociais e Males Contemporâneos

O quarto capítulo, de Kieran Keohane, um dos organizadores do livro, cujo título é "O Valor das Casas na Economia Libidinal: Financeirização como Patogênese Social", oferece um diagnóstico dos efeitos patogênicos da financeirização. Keohane argumenta que o dinheiro, ao padronizar e reduzir todos os valores e particularidades humanas a uma medida única — seu valor monetário — provoca uma perda de valores culturais, sociais e éticos, contribuindo para a formação de uma civilização moderna marcada pelo cinismo, niilismo e ganância. Essas tendências patogênicas da economia monetária têm se intensificado no contexto de globalização dos mercados financeiros. O autor questiona por que o valor das casas (e, conseqüentemente, das hipotecas) aumentou significativamente durante o período de globalização neoliberal. Ele explica que o valor de uma casa pode ser entendido como resultado de uma hipertrofia da cultura objetiva e do subdesenvolvimento da cultura subjetiva. Isso contribui para a sensação de insegurança, já que as pessoas buscam segurança nas posses materiais, como a casa, em vez de nas relações e experiências humanas. Já a ideia da economia libidinal, seguindo Freud, pode ser vista como um conjunto de medos e desejos conflitantes que movem tanto a vida individual quanto a coletiva, influenciando o *zeitgeist* (espírito da época) e gerando um estado permanente de inquietação e insatisfação.

No quinto capítulo, "Depressão: Resistindo ao Ultraliberalismo?", o professor Bert van den Bergh, da Hague University, na Holanda, explora a depressão como a patologia social mais prevalente e característica da

civilização contemporânea. O autor ressalta a presença de uma mutação no campo da antropologia política, onde surge um tipo de sujeito ideal, moldado pela revolução neoliberal. Esse sujeito não é mais o crítico moderno, mas um indivíduo acrítico, isolacionista e com tendências psicóticas. A depressão, nesse contexto, é vista como um sinal de deficiência, uma "fadiga de ser si mesmo", marcada pela ausência de projetos, motivação e iniciativa. Bergh afirma ainda que essa falta de energia ou de iniciativa seria o principal sintoma da pessoa deprimida. Dessa maneira, os novos antidepressivos, como o Prozac, não são vistos como "pílulas da felicidade", mas como promotores da iniciativa, buscando restaurar o espírito empreendedor nos indivíduos desanimados. A questão não é mais saber se a pessoa está doente ou não, mas a de eliminar a apatia e recuperar a produtividade. Contudo, Bergh enfatiza que a depressão tem uma dimensão temporal. O indivíduo deprimido desacelera, relaxa, estagna e para. A depressão, segundo ele, é uma "patologia do tempo", um distúrbio provocado pelo ultraliberalismo, caracterizado pela pressão temporal que domina nossa época, e pela sensação de estagnação e falta de futuro, que surgem em meio ao dinamismo incessante do sistema.

No sexto capítulo, "A Patologização da Moralidade", Svend Brinkmann, professor de psicologia da Aalborg University, na Dinamarca, investiga como diferentes formas de sofrimento moral e existencial foram patologizadas e transformadas em questões psiquiátricas. Os argumentos transitam entre dois extremos: a medicalização global, ou seja, a ideia de que qualquer tipo de sofrimento humano deve ser entendido sob a ótica psiquiátrica, e a antipsiquiatria, cuja premissa é de que os diagnósticos psiquiátricos, por si só, representam uma medicalização indevida da moralidade. O sofrimento, que antes era compreendido como uma reação moral aos eventos, é agora interpretado como uma disfunção mental, um sinal de que o indivíduo falhou em atender às exigências contemporâneas de adaptação e flexibilidade. "Poderiam alguns dos problemas que as pessoas enfrentam hoje (tristeza, vazio, perda de sentido) na verdade originar-se de uma falta de recursos morais para compreender a própria vida?" O autor responde que sim, "o que torna duplamente trágico o fato de que formas de sofrimento moral e existencial, decorrentes da falta de sentido e valor, são rotineiramente

patologizadas, sendo assim despojadas do pouco sentido que ainda restava" (2013, p.99). Termos com significados específicos na psiquiatria, como estresse, ansiedade, depressão, entre outros, foram incorporados ao vocabulário cotidiano. Ao final, Brinkmann afirma que há um processo cultural contínuo de patologização, no qual comportamentos antes vistos enquanto aspectos normais da experiência humana — como tristeza, melancolia, culpa e timidez — passaram a ser classificados como transtornos mentais, diagnosticados e tratados medicamente ou terapeuticamente.

"O Self Múltiplo: Uma Patologia Social?" é o sétimo capítulo, escrito por Annalisa Porfilio, professora de sociologia no National Distance Education Centre da Dublin City University, na Irlanda. Neste capítulo, Porfilio olha para o fenômeno das múltiplas personalidades como um sintoma de patogênese social. O "eu múltiplo" é representado como um tipo de sujeito volitivo, ativamente envolvido na construção de identidades plurais em resposta às exigências de um mundo globalizado e pluralizado. O "eu moderno", antes concebido como delimitado, único e com um centro dinâmico de consciência, pode ter dado lugar a um "eu plural", constantemente buscando novas formas de existência. A autora alega que o ritmo frenético da era contemporânea tem forçado as pessoas a desempenhar diferentes papéis sociais, o que progressivamente vem saturando o "eu" autêntico. Como consequência, há dificuldade em manter um senso de coerência sobre quem somos, com o aumento das responsabilidades individuais em um mundo excessivamente regulado. Neste contexto, falhas são frequentemente interpretadas como resultado da negligência individual, e não como reflexo de problemas sistêmicos. Essas dinâmicas sugerem que, no cerne da perda de unidade do "eu", pode haver uma deficiência hermenêutica, em que problemas sociais são vistos como fatalidades individuais.

Gunnar Scott Reinbacher, professor da Aalborg University, e Margrethe Nielsen, pesquisadora na Metropolitan University College, na Irlanda, são os autores do oitavo capítulo, intitulado "Possíveis Explicações para o Aumento do Tratamento com Antidepressivos na Sociedade Moderna" . Eles examinaram as razões para o aumento do uso de antidepressivos desde o final da década de 1980, período marcado por mudanças nas ferramentas e nas formas de diagnóstico da depressão. A prevalência de depressão em uma população

deveria permanecer relativamente constante, o que sugere que o aumento no uso de antidepressivos estaria mais relacionado a fatores sociais e culturais do que a explicações biomédicas.

Os autores, para explicar o aumento no uso de antidepressivos na Dinamarca, e por extensão, na sociedade ocidental moderna em geral, partem de um paradigma sociológico baseado em três conceitos: medicalização, governamentalidade e biopolítica. Primeiramente, a medicalização refere-se à transformação de eventos normais da vida, como tristeza ou ansiedade, em condições patológicas que requerem diagnóstico e tratamento. Segundo, o conceito de governamentalidade analisa como as relações entre governo e cidadãos, bem como entre profissionais de saúde e pacientes, são alteradas por novas formas de poder. O aumento no uso de antidepressivos pode ser visto não apenas como um fato empírico, mas também como resultado de uma estrutura social que gera depressão e estabelece inúmeras regulamentações sobre como as pessoas devem viver. O problema da governamentalidade é que regular o comportamento das pessoas pode estar em contradição com a ideia de indivíduos livres em uma sociedade democrática e, nesse sentido, estaríamos lidando com um problema ético em nível estatal. Por fim, o conceito de biopolítica foca em como a ciência médica moderna monopoliza o conhecimento sobre a vida social, estendendo-se até a capitalização da própria existência.

### **Parte III: As patologias Sociais entre Biopoder, Subjetivação e Civilização**

O nono capítulo, de Pia Ringø, pesquisadora da Aalborg University, na Dinamarca, "A Sociedade Ainda Importa? Saúde Mental, Doenças e as Ciências Sociais no Século XXI", indaga o caráter científico da psiquiatria. A autora argumenta que as complexidades da vida emocional e os dilemas existenciais e morais sobre o que significa ser um ser humano saudável estão sendo ignorados, em favor da capacidade da ciência em determinar o que funciona na prática psiquiátrica. Isso resulta na redução da ideia de mente saudável a abordagens biomédicas e cognitivas individualistas. Ringø ressalta que o domínio de certas formas de conhecimento não existe em um vácuo institucional e social. Esses saberes são produzidos e reproduzidos por meio

de discursos políticos, médicos e econômicos, que devem ser levados em consideração para uma compreensão mais ampla e um tratamento adequado das patologias sociais. De forma utilitarista, segundo a autora, os novos sistemas de classificação foram desenvolvidos para vincular os sintomas de um paciente a uma categoria diagnóstica específica, independentemente se esses sintomas refletirem ou não a situação de vida do indivíduo. Ringø, utilizando Foucault, lembra que a maneira como os seres humanos se tornam objetos dos discursos científicos está conectada a fatores políticos, institucionais e tecnológicos. O discurso diagnóstico, ao definir tanto o problema quanto a solução na prática psiquiátrica, cria sua própria realidade e suas verdades, conferindo poder ao discurso médico.

No décimo capítulo, "Avaliações como um Processo de Desempoderamento", Anders Petersen, pesquisador da Aalborg University, e Rasmus Willig, da Roskilde University, na Dinamarca, verificam um dos aspectos onipresentes, aparentemente inofensivos e até progressistas da governamentalidade neoliberal: a cultura da autoavaliação. O estudo de caso foca nas autoavaliações realizadas por trabalhadoras de jardins de infância dinamarqueses, um exercício que, à primeira vista, parece útil, orientado para melhorar os serviços oferecidos às crianças e promover maior autorreflexão entre a equipe. A hipótese é de que "algumas pessoas sofrem mentalmente como resultado desses exercícios de avaliação, o que causa prejuízos tanto à sua integridade profissional quanto pessoal" (2013, p.180). Mesmo sabendo que as avaliações não são adequadamente conduzidas, elas deixam uma marca subjetiva nos professores de educação infantil, reforçando a norma predominante na sociedade contemporânea: a ideia de que sempre é possível melhorar. Essa lógica tornou-se consenso. No entanto, os autores argumentam que, sob uma perspectiva pedagógica, a questão que surge não é se realmente podemos melhorar, mas se devemos fazê-lo. Embora esse tipo de racionalidade sugira que a melhoria contínua é sempre desejável, na prática, o "melhorar" nesse contexto significa tornar o cuidado infantil mais eficiente. E quanto maior a eficiência, menos funcionários são necessários, já que eficiência, nesse caso, se traduz em prestação de serviços com menos recursos. Os autores finalizam o artigo afirmando que a autocrítica fomentada pelos questionários de avaliação, sustentada por um discurso regulador,

funciona como um mecanismo disciplinar, com efeitos claros de desmotivação da equipe, redução do tempo e da atenção dedicados às crianças e, conseqüentemente, queda na qualidade do cuidado.

O capítulo de encerramento, "Esquismogênese, Liminalidade e Saúde Pública" de Agnes Horvath, socióloga e cientista política da Cambridge University, na Inglaterra, explora que a ideia de saúde, especialmente saúde pública, não pode ser reduzida à ausência de doença e medida por indicadores coletados em várias áreas desconexas. Ela refere-se, "em vez disso, à maneira harmoniosa como vários aspectos são combinados. Comer, beber, saúde mental e assim por diante, tudo se soma – ou deveria se somar – a um todo harmonioso" (2013, p.195). Essa perspectiva coloca em foco uma preocupação com a perda da "saúde pública" em direção a patologias sociais degenerativas, exemplificada no artigo pelo estudo de caso do comunismo. Este é entendido pela autora como uma doença política difusa e paralisante, marcada pela estagnação durante grande parte do século passado. Essa condição patológica, segundo Horvath, aparentemente colapsou de forma repentina e quase sem violência, mas sua dissolução não implicou seu completo fim. Em vez disso, representou apenas uma diluição contaminante que continua a exercer um efeito ainda mais esquismogênico (esquismogênese é um termo da antropologia que descreve a formação de divisões sociais e diferenciação) e disseminado, não apenas nas áreas anteriormente sob seu controle. Este capítulo explorou o significado do termo patologias sociais, argumentando que elas não são o oposto, mas a substituição de condições saudáveis.

## Considerações

O tema das patologias sociais está relacionado à ideia generalizada, e um pouco confusa, de que há um duplo processo de psicologização resultante do enfraquecimento dos laços sociais e do declínio do homem público em favor do homem privado. Assim, além da discussão sobre Patologias Sociais, a obra explora questões como o aumento da prescrição de estimulantes e calmantes, não só para adultos, mas para crianças e jovens, bem como o crescimento no uso de medicamentos antipsicóticos e estabilizadores de humor. Esse fenômeno reflete uma crescente medicalização da sociedade, cujo argumento

apresentado no livro é a de que a própria civilização vem se tornando patológica como resultado de processos desordenados dentro dela.

De certa forma, nossa sociedade acaba ignorando que os indivíduos experimentam sofrimento como resposta às pressões e demandas sociais. Nesse sentido, a mensagem da obra é a de que não podemos continuar a analisar a experiência individual de forma isolada e desvinculada dos grupos, comunidades e sociedades que moldam e constituem essas vivências.

Apesar das contribuições sobre as patologias sociais, seria possível apontar algumas lacunas que limitam o alcance da obra. Em primeiro lugar, não há uma abordagem sobre como essas patologias sociais se manifestam em diferentes regiões do mundo, ficando circunscrita à comunidade europeia. Quer dizer, não se considera como essas questões se desdobram em contextos diversos, como o brasileiro ou o das sociedades orientais. Tampouco há um exame de como particularidades regionais, desigualdades socioeconômicas e sistemas de saúde fragilizados estão implicadas no surgimento de patologias sociais.

Embora não seja foco, a obra, de alguma forma, negligencia análises sobre como crises globais e ambientais, guerras e contingências sociais podem acentuar certas patologias e moldar novos padrões de sofrimento. Pouco se explora outros distúrbios relevantes, como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), que apresenta um componente social evidente.

Com relação ao campo educacional, um aspecto que merece maior atenção é o impacto das novas formas de socialização, especialmente entre as gerações mais jovens, e o papel das tecnologias e das redes sociais na intensificação de determinadas patologias. Professores e estudantes vivenciam, cada vez mais, condições de trabalho e estudo que agravam transtornos como depressão, estresse e ansiedade, comprometendo a qualidade dos processos de ensino e aprendizagem. Isso evidencia o quanto o ambiente escolar reflete as tensões da sociedade contemporânea. A medicalização dessas condições, frequentemente tratadas como problemas individuais, ignora e desconsidera o impacto dos fatores sociais e estruturais subjacentes.

A pressão por desempenho, a sobrecarga de trabalho e a falta de apoio emocional adequado têm levado educadores a desenvolver transtornos

psíquicos. Da mesma forma, crianças e adolescentes, expostos a essas pressões desde cedo, também manifestam sinais de adoecimento mental, o que pode comprometer a aprendizagem. A escola, como espaço de socialização, acaba reproduzindo lógicas competitivas e individualistas presentes na sociedade, gerando um ambiente propício ao surgimento de patologias sociais.

Dessa forma, a contribuição da obra para o campo da educação é significativa, ainda que não diretamente voltada para essa área. Ao introduzir a ideia de que as patologias sociais devem ser compreendidas como parte de um sistema mais amplo, a coletânea convida educadores a repensarem as estruturas e práticas educacionais que podem estar contribuindo para o adoecimento de professores e estudantes. Repensar essas questões é importante para a construção de um ambiente escolar que promova o bem-estar e a saúde mental de todos os envolvidos.

*Recebido em: 18/10/2024*

*Aceito em: 24/10/2024*

### **Sandro Faccin Bortolazzo**

Doutor em Educação e Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas.

 [sandrobortolazzo@gmail.com](mailto:sandrobortolazzo@gmail.com)

 <http://lattes.cnpq.br/1961168932141433>

 <https://orcid.org/0000-0002-9145-1581>